

SOBRE *TRANCHETS* DO BRONZE FINAL DO OCIDENTE PENINSULAR

Raquel Vilaça*

RESUMO:

Em 1976, Philine Kalb chamou a atenção para três artefactos de bronze do Centro do território português provenientes da Sr.^a da Guia de Baiões (S. Pedro do Sul) e do Caratão (Mação), interpretando-os como *tranchets* ou facas para trabalhar peles e couros. Notou ainda a particularidade de os cabos serem vasados, na linha tipológica dos punhos das espadas de “tipo Huelva”. O presente estudo debruça-se sobre este tipo de instrumento, integrando agora cerca de duas dezenas de peças do Ocidente peninsular, em parte inéditas. Discutem-se semelhanças e diferenças, contextos e cronologias, estas também com base em datações radiocarbónicas, recorrendo-se igualmente à informação resultante de análises metalográficas. Verifica-se que o uso atribuído a este tipo de artefactos é controverso, embora continue legítima, na perspectiva da autora, a proposta avançada por Kalb.

Palavras-chave: Bronze final, Ocidente peninsular, *tranchet*

ABSTRACT:

In 1976, Philine Kalb drew attention to three bronze artefacts from central Portugal. She interpreted these correctly as *tranchets*, and pointed out a typological detail of the haft area, namely the spaces on the tangs, as found in Huelva-type swords.

The present study deals with these tools again, now on the basis of about twenty pieces of the same type, all from the western Iberian Peninsula, some unpublished. Descriptive and typological analyses of each piece are followed by discussion of the main differences; reference is made to results of the metallurgical analyses of some of the pieces. The contexts of the *tranchets* are discussed. The use of these tools has aroused some controversy; the author follows Kalb's theory that they were knives for cutting hides.

Key-words: Late Bronze Age, West Iberian Peninsula, *tranchet*

1. INTRODUÇÃO

Este texto¹ debruça-se sobre os designados *tranchets*, peças metálicas atribuídas aos finais da Idade do Bronze, mas cuja funcionalidade precisa coloca ainda diversos problemas. Entre nós, o

* Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal. CEAUCP. E-mail: rvilaca@fl.uc.pt.

¹ Uma versão inglesa deste texto, mais resumida, foi preparada em 2007 para integrar o volume de *Homenagem a Philine Kalb*, Habelt Verlag, Bonn (no prelo).

assunto foi despoletado em 1976 por Philine Kalb quando chamou a atenção para três artefactos de bronze provenientes do Centro do território português e os interpretou como facas para trabalhar peles e couros, na linha da proposta de Roth para peças semelhantes europeias (Kalb, 1976).

Todos eles tinham sido já publicados, mas não identificados como *tranchets*. O primeiro, proveniente do Castelo Velho de Caratão (Mação), é apenas descrito na publicação de origem, conjuntamente com o respectivo desenho (Pereira, 1970: 170 e Fig. 73). Anos depois, Montegaudou integra-o no seu *Corpus* de machados peninsulares, representando o “tipo 36 G” (Caratão), com a função de plaina, portanto para cortar finas lâminas de madeira (Montegaudou, 1977: 170). Os outros dois artefactos são da Sr.^a da Guia de Baiões (S. Pedro do Sul) e foram interpretados como espátulas ou cabos vazados de objectos não identificados (Silva, 1979: 519). Esta particularidade tipológica dos cabos, similar à que se encontra nas espadas de “tipo Huelva”, foi desde logo sublinhada por Kalb. E é justamente nesse pormenor que se encontra legitimidade para atribuir coerência tipológica aos cerca de vinte *tranchets* conhecidos no Ocidente Peninsular e que este texto se propõe analisar.

Como referimos, a questão da funcionalidade precisa deste tipo de artefactos não se encontra perfeitamente resolvida nem é necessariamente homogênea, aspecto que recentemente foi também sublinhado (Armada Pita *et. al.*, 2008: 490). No entanto, têm sido entendidos, em geral, como facas para cortar sólidos flexíveis como peles, couros ou cabedais, conforme evocam algumas das designações pelas quais são conhecidos: *Ledermesser*, em alemão, *cuchillas de zapatero*, em espanhol, *tanged chisels*, em inglês, ou *tranchets*, em francês. Esta última denominação acabou por ser adoptada pela comunidade arqueológica peninsular, conforme revela a bibliografia portuguesa e espanhola sobre o assunto.

Nas últimas duas décadas, os estudos sobre o Bronze Final no território português, designadamente na sua região central, conheceram importantes avanços para os quais contribuíram, decisivamente, diversos programas de escavação em povoados das Beiras Interior e Central. A nossa responsabilidade directa em boa parte deles permitiu a recuperação de mais algumas peças interpretáveis como *tranchets*, perfeitamente contextualizadas e datadas, algumas inéditas, que ora se publicam.

Entretanto, foram também publicadas mais algumas (ou fragmentos de algumas) do mesmo tipo provenientes de outras regiões, quer do Sul de Portugal, quer da Extremadura espanhola e Andaluzia, que se compilam neste texto. Não obstante estes novos registos, permanece válida a ideia de que se trata de um tipo raro no contexto das produções do Bronze Final e perfeitamente coerente face ao grupo de *tranchets* de espigão da Europa de além-Pirenéus.

A informação disponível sobre *tranchets* do Ocidente Peninsular encontra-se, assim, reunida neste texto, que também pretende valorizá-los em função dos contextos de proveniência, bem como discutir as problemáticas inerentes à sua funcionalidade.

2. TRANCHETS DO OCIDENTE PENINSULAR

Entre as peças publicadas e inéditas que chegaram ao nosso conhecimento, contam-se mais de uma vintena de exemplares. Exclui-se deste repertório o *tranchet* de Paredes de Nava (Palencia, Espanha) por corresponder a um tipo distinto daquele que ora nos ocupa. Esta peça mesetinha enquadra-se no tipo de *tranchet* com espigão para encabamento, de âmbito atlântico, referindo o autor da publicação que corresponde ao único exemplar desse tipo conhecido na Península (Fernández Manzano, 1986: 120 e Fig. 37-1). Coffyn menciona ainda um outro *tranchet* de modelo atlântico pertencente à antiga colecção Cazorla do Museu de Valença (Coffyn, 1985: 55). Não tivemos oportunidade de fazer uma pesquisa sistemática no sentido de saber se, entretanto, na Península, outros exemplares similares, e bem conhecidos além Pirenéus, foram dados à estampa.

Os *tranchets* em análise são muito distintos. Se olharmos para a sua distribuição no mapa (Fig. 1), verificamos, mais uma vez, que cabe ao Centro do território português, e muito concretamente ao seu interior, um papel particular como região de franco dinamismo na manipulação de artefactos de bronze entre os finais do II e inícios do I milénio a.C. Tais produções, imitações, exportações e importações de finais da Idade do Bronze mereceram o epíteto de “Grupo Lusitano” (Coffyn, 1985: 267). Entretanto, outros trabalhos desenvolvidos na zona mais setentrional da Extremadura espanhola, legitimam a sua incorporação nesse mesmo mundo cultural. E é concretamente no Noroeste da Extremadura que se conhece, também agora, um número significativo de *tranchets*.

Vejamus então, de seguida, *tranchet a tranchet*. Começamos, de Norte para Sul, primeiro com os de território português, depois com os de território espanhol. Não nos foi possível, porém, observar directamente a totalidade dos artefactos, pelo que, nos casos assinalados, baseamo-nos na respectiva bibliografia². Esta condicionante deverá ser tida em conta, uma vez que é limitadora de outras considerações, por ventura mais correctas, se baseadas na observação directa de todos os artefactos e da sua microtopografia, com recurso a lupas, que não nos foi possível efectuar.

2.1. Sr.^a da Guia de Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu

Os dois *tranchets* provenientes desta emblemática estação do Bronze Final do território português foram encontrados na campanha de escavações realizada em 1973 por Celso Tavares da Silva. Pouco se sabe sobre as suas condições precisas de achado e associação contextual a estruturas e aos demais materiais recolhidos, cerâmicos, líticos e metálicos (Silva, 1979). Trata-se, porém, e não obstante alguns problemas de índole estratigráfica, de um conjunto de grande coerência do ponto de vista cultural e cronológica. É abundante a bibliografia sobre este povoado e haverá sempre considerações de interesse a fazer. Pela nossa parte, tivemos ocasião de desenvolver algumas em trabalhos recentes, nos quais também publicamos três novas datas de Carbono 14 adiante referidas (Vilaça, 2007; 2008).

Uma das peças (Fig. 2-1) apresenta o cabo de linhas direitas e quatro alvéolos de dimensão irregular. A lâmina, fracturada numa das zonas do gume, é trapezoidal e possui nervuras laterais e uma central. Dimensões³: comp. 11,2; larg. gume 4,4; esp. máx. 0,5 (Kalb, 1976, 201, Abb.1-1).

A segunda peça (Fig. 2-2) é idêntica à anterior, mas o cabo está fracturado lateralmente, possuindo apenas três vazamentos. A lâmina, também trapezoidal e nervurada numa das faces, é mais curta e está praticamente completa; o gume é direito. Dimensões: comp. 10,9; larg. gume 3,4; esp. máx. 0,4 (Kalb, 1976, 201, Abb. 1-2 e Tafel 48; Silva, 1986: 200 e Lâm. LXXXIX-2).

Ambas as peças foram restauradas (Fig. 5-3).

2.2. Tapada das Argolas, Capinha, Fundão, Castelo Branco

Referido pela primeira vez no séc. XVIII, este povoado deverá ter sido ocupado nos finais do Calcolítico/Bronze Inicial, Bronze Final, Idade do Ferro e inícios do período romano, conforme testemunham diversos materiais recolhidos à superfície em distintos momentos. O facto de nunca ter sido alvo de escavações cientificamente dirigidas impede uma cabal compreensão da sua diacronia, organização interna, bem como da cronologia da muralha. Os dados relativos ao período que aqui nos interessa foram valorizados em trabalho recente, no qual é publicado o fragmento de um *tranchet* (Vilaça *et. al.*, 2002-2003: 182, Fig. 7-3 e Est. II-2).

² Assinalamos apenas a mais significativa.

³ As dimensões são sempre apresentadas em centímetros.

Trata-se de uma recolha casual e sem contexto preciso conhecido (Fig. 2-3 e 5-1). O *tranchet* está reduzido à lâmina, notando-se ainda o início de um dos alvéolos rectangulares. Apresenta contorno subtrapezoidal, com nervuras laterais e uma central, perpendiculares ao gume e em ambas as faces. O gume, de fio ligeiramente convexo e assimétrico pelo uso, tem secção lenticular (Fig. 5-2). Dimensões: comp. 4,2; larg. 3,6; esp. 4.

2.3. Monte do Frade, Penamacor, Castelo Branco

Ocupando uma pequena área (c. 126 m²) no topo de uma elevação, esta é uma das mais interessantes estações do Bronze Final da Beira Interior, precisamente pelo contraste entre a sua dimensão, circunscrita a duas unidades habitacionais, e a quantidade, diversidade e qualidade dos seus testemunhos artefactuais: cerâmicas impressas, incisas, com ornatos brunidos de “tipo Lapa do Fumo” e puncionadas de “tipo Cogotas”; braceletes, punhais, sovelas, pontas de seta, argolas, um *tranchet*, pinças, uma lâmina de ferro, etc. (Vilaça, 1995: 125-163, Est. CIV).

A peça classificada como *tranchet* encontra-se praticamente reduzida ao cabo (Fig. 2-4 e 6-1). Este, de contorno sub-rectangular, possui três alvéolos recortados de forma irregular, embora com tendência sub-rectangular; um quarto, junto à extremidade, não chegou a ser completamente aberto. O gume está praticamente desgastado e é quase recto. Dimensões: comp. 8,2; larg. máx. 2,5; esp. máx. 0,4 (Vilaça, 1995: 141 e Est. CIV-4).

É esta a informação que se encontra publicada mas, reanalisando de novo a peça, ficámos com algumas dúvidas relativas ao gume. A peça parece estar quase completa. De facto, o cabo não se diferencia da lâmina, porque esta é praticamente inexistente, pelo que não devemos afastar a hipótese de estarmos, simplesmente, perante o cabo de um artefacto. Mas, neste caso, não é fácil entender como seria efectuado o encabamento, pois não existe qualquer orifício de fixação.

2.4. Monte do Trigo, Idanha-a-Nova, Castelo Branco

Este povoado corresponde a uma elevação de forma cónica em cujo topo, parcialmente murado, encontramos uma ocupação do Bronze Final sobreposta a uma outra, calcolítica.

Os *tranchets* são provenientes de uma área (B8 02) de elevada concentração de artefactos metálicos, entre os quais também se encontravam pequenas lâminas de ferro, conjuntos aí depositados intencionalmente e submetidos à acção do fogo (Vilaça, 2006b: 88-90).

Um dos *tranchets* (Fig. 2-5 e 6-2) apareceu conjuntamente com dois pequenos fragmentos de bronze de secção circular. Possui forma subtrapezoidal, mas está incompleto, faltando-lhe parte do cabo, onde ainda se conservaram um alvéolo de contorno sub-elíptico e parte de um segundo, possivelmente semelhante. A lâmina tem bordos rectilíneos ligeiramente alteados e ténue nervura central em ambas as superfícies. O gume é irregular e assimétrico, denunciando uso efectivo. A peça encontra-se deformada por acção do fogo, concretamente na zona do cabo, enquanto que o gume apresenta rugosidades e pequenos orifícios também decorrentes de calor muito intenso. A porosidade da superfície pode ser igualmente devida ao processo de fundição. Dimensões: comp. 7,8; larg. gume 2,6; esp. 0,4; peso 24,37 g.

O segundo *tranchet* (Fig. 2-6) também se encontra incompleto, praticamente reduzido à lâmina. Tem contorno subtrapezoidal, conservando numa das extremidades o arranque de um alvéolo. A face posterior é totalmente lisa, enquanto que a outra possui uma interessante decoração com finas nervuras que formam pequenas “caixas” rectangulares. O gume encontra-se esboçado, mas parece ter sido rectilíneo e assimétrico. Tal como a peça anterior, também está deformada por acção do fogo. Dimensões: comp. 6,7; larg. gume 2,5; esp. 0,3; peso 19 g.

2.5. Castelo Velho de Caratão, Caratão, Mação, Santarém

Infelizmente, ainda não se encontram integralmente publicados os dados relativos às campanhas de escavação desenvolvidas nos anos oitenta do século passado nesta estação. Pelos dados conhecidos, trata-se de um povoado de altura com ocupação do Bronze Final (também calcolítica), estando presentes as características cerâmicas de ornatos brunidos e vestígios da actividade metalúrgica⁴.

O *tranchet* do Caratão (Fig. 2-7) apresenta forma sub-rectangular, de bordos quase direitos. O dorso é plano e a frente possui nervura central e duas laterais formando bordos. O cabo exhibe grande alvéolo (originalmente teria tido dois?) e o gume é direito. Dimensões: comp. 11,5; larg. gume 2,3; esp. gume 0,2; peso 25 g (Pereira, 1970: 170 e Fig. 73).

Como referimos no início, integra-se no “tipo 36 G” (Caratão) de Monteagudo, tendo sido interpretado como plaina (1977: 215).

2.6. Abrigo Grande das Bocas, Rio Maior, Santarém

Escavado por Manuel Heleno em 1937, este sítio forneceu inúmeros vestígios que testemunham uma ocupação desde o Paleolítico Superior até ao período medieval. Os materiais proto-históricos (cerâmicos e metálicos) estão publicados e, entre eles, contam-se fragmentos de *tranchets* (Carreira, 1994: Est. XXXIV-6 e 7).

Dois deles (Fig. 2-8) correspondem à zona de transição do punho para a lâmina, possuindo bordos sensivelmente divergentes (Carreira, 1994: 83). Um outro pertence à empunhadura, também incompleta, tendo-se conservado dois alvéolos (Fig. 2-9).

2.7. Quinta do Marcelo, Almada, Setúbal

Esta estação, junto ao Tejo, foi interpretada como acampamento sazonal relacionado com o garimpo do ouro e com as primeiras trocas de praia entre indígenas e Fenícios (Barros, 1999: 18). Para além de cerâmicas de ornatos brunidos, os metais correspondem a duas fíbulas, uma de dupla mola e outra de “codo”, faquinhas em ferro, pesos de rede em chumbo e uma navalha de barba (Barros, 1998: 31-34).

Creemos que esta última será a mesma peça que aparece referida num outro texto como “faca de curtir peles em bronze” (Barros, 1999, vol. 2: 34-35, 44-45). Neste trabalho, o autor descreve-a sumariamente, apresentando desenho e fotografia. Estranha-se, porém, que não a refira na parte do texto relativa a esta estação, pelo que se ignora o seu contexto preciso de achado. Esta mesma peça viria a ser valorizada em publicação de cariz regional sobre o povoamento da Baixa Estremadura (Cardoso, 1999-2000: 385, 390 e Fig. 33-2).

A descrição que apresentamos deste potencial *tranchet* (Fig. 3-1) baseia-se no desenho esquemático existente e nele podemos ver uma peça fragmentada em duas partes, que não se ajustam perfeitamente entre si, decerto por efeitos de corrosão (ou porque falta a parte intermédia?). O desenho pode induzir em erro, sugerindo uma peça completa, mas de acordo com a informação de Barros, está fracturada na parte distal e tem o peso de 6,25g (Barros, 1999: 44). Deste modo, desconhecemos como era, com efeito, a morfologia do gume. A forma é sub-rectangular, os bordos são rectilíneos e o cabo possui dois alvéolos subelípticos, um deles bastante alongado. Dimensões⁵: comp. 7,7; larg. máx. 2,6.; esp.0,3.

⁴ Dados apresentados por M. A. Pereira no *Simpósio sobre o Bronze Final na Beira Interior* (Mação, 1988).

⁵ Confirmando-se que o desenho existente está à escala.

2.8. Castelo de Arraiolos, Arraiolos, Évora

Entre as diversas ocupações humanas do morro onde se localiza o castelo de Arraiolos, conta-se a do Bronze Final testemunhada por diversas estruturas e materiais resultantes de sondagens realizadas por Gustavo Marques em 1973 e 1994 e pela empresa de arqueologia *Arkaios*, já nos inícios deste século. Os materiais encontram-se em estudo, sendo de destacar o soberbo conjunto de cerâmicas com decoração brunida no exterior, no interior ou em ambas as superfícies (Almeida, 2009).

A maioria das peças metálicas foi encontrada em 1973 e provém de uma das sondagens do sector II, localizado na plataforma superior, no interior das muralhas, do seu lado Nascente⁶. Do conjunto consta um pequeno fragmento de cabo de *tranchet* (Fig. 3-2), com a referência “CA S5 II”, já antes publicado por Carreira, embora com indicação de ser proveniente de escavações realizadas na encosta do castelo (1994: 83 e Fig. 11-3). Trata-se da extremidade do cabo, de secção subtriangular, conservando-se parte do primeiro alvéolo. Dimensões: comp. 3,2; larg. máx. 3; esp. 0,3.

2.9. Castelos, Baleizão, Beja

O povoado dos Castelos faz parte da rede de povoamento do I milénio a.C. que tem como eixo estruturante o troço do Guadiana, designadamente nos concelhos de Moura, Serpa e Beja. O sítio, com dupla muralha, foi identificado por Conceição Lopes que lhe atribuiu cronologia do Bronze Final (Lopes, 2003: 90, nota 2 e Fig. 19).

Entre as colecções do MNA contam-se algumas peças e fragmentos metálicos, inéditos, encontrados neste povoado que corroboram, em pleno, a cronologia proposta. Foram oferecidas por José Brissos, conforme consta na etiqueta, sem outras informações relativos ao achado. Entre elas conta-se um *tranchet*⁷.

O *tranchet* (Fig. 3-4 e 6-3) encontra-se completo, embora fragmentado na parte central. O desenho e descrição que apresentamos devem ser vistos com alguma reserva, uma vez que a peça ainda não foi sujeita a qualquer tipo de limpeza. Ambas as superfícies são irregulares devido à corrosão. Apresenta empunhadura de contorno subcircular com dois alvéolos sub-elípticos, abertos lado a lado. A zona mesial, mais estreita, é rasgada longitudinalmente por um estreito alvéolo. A lâmina, plana, alarga na zona do gume que é sub-rectilíneo. Dimensões: comp. 12,5; larg. gume 4,4; esp. 0,4.

2.10. La Muralla del Agujón de Pantoja, Trujillo, Cáceres

O local corresponde a um grande castro do Ferro Pleno situado sobre a foz do Tamuja com o Almonte, tendo também fornecido materiais cerâmicos e metálicos datáveis do Bronze Final, nomeadamente um *tranchet* completo (Martín Bravo, 1999: 37, 54 e Fig. 8-8).

O desenho publicado permite ver uma peça (Fig. 3-9) de forma subtrapezoidal, cabo com dois alvéolos, um sub-rectangular, o outro subquadrangular; a lâmina aparenta possuir pequena nervura central, apresentando as extremidades ligeiramente divergentes e o gume rectilíneo.

⁶ Informações recolhidas no “Arquivo Gustavo Marques”, depositado no Museu Nacional de Arqueología. Agradecemos ao Director do Museu, Dr. Luís Raposo, a autorização para a sua consulta.

⁷ Agradecemos ao Director do Museu, Dr. Luís Raposo, a autorização para a sua análise.

2.11. El Risco, Sierra de Fuentes, Cáceres

Este povoado de altura, com ocupação do Bronze Final e Ferro Inicial, situa-se num inequívoco ponto estratégico, de onde se domina a peniplanície cacerenha (Martín Bravo, 1999: 35). Neste importante trabalho dá-se a conhecer o lote de materiais metálicos de El Risco depositados no Museu Provincial de Cáceres, entre os quais se contam quatro *tranchets* (Martín Bravo, 1999: 37, 54 e Fig. 7-1, 2, 3 e 4).

A peça (Fig. 3-6) mais completa apresenta forma sub-rectangular, com orifício numa das extremidades e gume subconvexo.

Uma outra (Fig. 3-7) possui a zona do encabamento incompleta, conservando ainda parte do alvéolo rectangular rebaixado mas não totalmente oco; a lâmina tem as extremidades ligeiramente divergentes e o gume sub-rectilíneo.

As outras duas peças (Fig. 3-8) estão bastante incompletas, limitadas à lâmina, faltando-lhes a zona do encabamento onde, todavia, ainda se vê o arranque de um alvéolo.

2.12. El Castillejo, Robledillo de Trujillo, Cáceres

Na ladeira sul deste imponente cerro existe um castro do Ferro Pleno, ignorando-se o local preciso de proveniência dos materiais do Bronze Final, concretamente dois *tranchets*, pertencentes ao Museu Provincial de Cáceres e estudados por Martín Bravo (1999: 34-35, 54 e Fig. 6-3 e 7)⁸.

Um deles (Fig. 3-3) encontra-se bastante incompleto, sendo de assinalar a existência de um alvéolo subovóide.

O outro (Fig. 3-5) também está incompleto, faltando-lhe a zona de encabamento; conservou-se um alvéolo subcircular, do qual arrancam três pequenas nervuras no sentido do gume; este é convexo e encontra-se deformado por intenso desgaste.

2.13. Los Concejiles, Lobón, Badajoz

Este povoado, identificado nos inícios dos anos 90 do séc. XX, implanta-se num cerro destacado e de topo amesetado, dominando visualmente um amplo trecho do Médio Guadiana. Os diversos materiais conhecidos, provenientes de recolhas superficiais efectuadas em distintos momentos, revelam assinalável sintonia de um ponto de vista cronológico e cultural, de finais da Idade do Bronze (Vilaça *et. al.*, no prelo).

Contam-se mais de 200 fragmentos cerâmicos de fabrico manual, com elevada percentagem de decorações, espelhando óbvia selecção na sua recolha: decorações brunidas de tipo “Guadaluquivir” e “Lapa do Fumo”, pintadas, de tipo “Carambolo”, incisadas pós-cozedura, de tipo “Baiões/Santa Luzia”, caneladas e puncionadas. Também o conjunto metálico é revelador, destacando-se um conjunto de ponderais e duas fíbulas de “codo”, para além de outros tipos. Entre estes, conta-se um *tranchet* praticamente intacto.

Trata-se de peça com curto cabo subcircular e alvéolo central, prolongado por uma lâmina desenvolvida de contorno subtrapezoidal e nervurada; gume direito mas ligeiramente dissimétrico. Embora esteja actualmente desaparecida, foi possível registá-la em desenho (Fig. 3-10). Dimensões: comp. 8,3; larg. gume 2,9.

⁸ A autora apresenta ainda um outro artefacto deste povoado, semelhante a um largo escopro e cujo cabo possui em grande alvéolo elíptico (Martín Bravo, 1999: 34, Fig. 6-9).

2.14. Rio Genil, Sevilha

No local de Remanso de las Golondrinas, num meandro do rio Genil e perto da junção de águas de Arroyo Blanco com aquele, têm aparecido, em distintos momentos, vários artefactos de bronze, concretamente três espadas, um punhal, uma fúrcula ou gancho de carne, uma ponta de lança e um *tranchet* (Armada Pita e Lòpez Palomo, 2003). Estes dois últimos apareceram juntos, tendo sido o *tranchet* considerado inicialmente como possível navalha de barbear (Lòpez Palomo, 1978).

Perto encontram-se os povoados de Castellares e de Alhonor, cujos habitantes teriam sido, segundo aqueles investigadores, os responsáveis pelos depósitos de bronze (Armada Pita e Lòpez Palomo, 2003: 171). Esta relação espacial de proximidade, a sua localização junto às margens do rio e o achado de grupos de peças em distintos momentos e lugares, concorrem no sentido de estarmos perante um depósito, ou vários, com interessantes problemáticas que recentemente discutimos, nomeadamente a dos que designamos por “depósitos de margem”, “campos de depósitos” e “depósitos periféricos” (Vilaça, 2006a).

O *tranchet* (Fig. 3-11) é uma peça bastante elegante, de lâmina subtrapezoidal, cujo gume, incompleto, adivinha-se ter sido rectilíneo. Na zona mesial, de transição da lâmina para o cabo, a peça apresenta estrangulamento para depois alargar, primeiro de forma oval, depois circular. O cabo é assim constituído por duas argolas interligadas que acompanham a forma dos dois alvéolos, respectivamente, ovóide e circular. Dimensões: comp. 14,6; larg. máx. 3,3.

3. TIPOLOGIA DOS TRANCHETS

Face aos dados disponíveis e às três famílias de *tranchets* – com lingueta, espigão e alvado – definidas por Nicolardot e Gaucher (1975: 105), faz todo o sentido falar de uma quarta, de cabo vazado, valorizada por Kalb (1976) e agora plenamente confirmada pelos exemplares entretanto conhecidos e aqui reunidos. As características do encabamento funcionam, assim, como o principal atributo intrínseco de distinção.

Também parece ser pacífico associar este último tipo às produções do Ocidente Peninsular, onde se concentram os casos conhecidos. Um outro *tranchet* de cabo vazado subcircular, mas reduzido a pequeno fragmento, pertence ao depósito de Monte Sa Idda (Cagliari, Sardenha) (Taramelli, 1921: 56 e Fig. 77) (Fig. 3-12). Os outros tipos são manifestamente característicos de além-Pirenéus, nomeadamente de França e Inglaterra.

Quanto aos que ora nos ocupam, se passarmos a um segundo nível de análise, e sem ferir a notável coerência tipológica ditada pelas características do cabo com alvéolos, encontramos determinadas particularidades ou especificidades do talão, do gume e da forma geral das peças, o que também implica ter presente a diversidade que lhes é inerente.

De um ponto de vista metodológico, é talvez prematuro avançar para o estabelecimento de variantes tipológicas com parâmetros bem definidos, tendo em conta o número reduzido de exemplares, concretamente completos. Acresce o facto, como referimos, de não termos observado directamente todas as peças. Mas é possível traçar algumas linhas orientadoras que talvez um dia, com informação adicional, possam ser precisadas ou corrigidas.

Apesar destas nossas reticências, a verdade é que foi já estabelecida uma tipologia em função do desenvolvimento do cabo e da forma do gume, na qual se definiram cinco variantes, quase tantas quanto o número de *tranchets* utilizados na sua elaboração (Martín Bravo, 1999: 54 e Fig. 15-A). E se é certo que aqueles dois critérios podem servir de distinção, a verdade é que outros também o podem com plena legitimidade.

Quanto à forma geral, há peças tendencialmente rectangulares, isto é, em que a lâmina se desenvolve no prolongamento do cabo (v.g. Caratão, Quinta do Marcelo, El Risco 1). Outras, pelos

contrário, possuem contorno subtrapezoidal, na medida em que a lâmina tem bordos divergentes que se distingue do cabo (v.g. Baiões, Tapada das Argolas). E ainda outras cujo perfil é sinuoso ou tripartido (v.g. rio Genil).

Por outro lado, julgamos ser importante sublinhar que determinados exemplares (v.g. Caratão, Monte do Trigo 2, Quinta do Marcelo? e Castelos?⁹) são unifaciais, ou seja, apresentam uma das faces totalmente lisa e a outra nervurada. Sem ser possível demonstrar qualquer relação em termos de fabrico, é de lembrar que talvez não seja simples coincidência o Centro do território português ser igualmente responsável pelas produções de machados de talão unifaciais, ou seja, com essa mesma característica (Coffyn, 1985: 219).

As lâminas podem ser lisas ou nervuradas. Tanto ocorrem nervuras simples e pouco pronunciadas (v.g. Monte do Trigo 1), como muito pronunciadas (Baiões 2, La Muralla, Tapada das Argolas, Los Concejiles). Excepcionalmente, encontramos nervuras formando reticulado com objectivos decorativos (Monte do Trigo 2). A decoração de peças consideradas de carácter funcional, como é o caso, e a que podemos juntar machados e pontas de lança, etc., mereceria maior reflexão que, porém, não cabe neste texto.

Por sua vez, os gumes variam entre os rectilíneos (v.g. rio Genil, La Muralla, Los Concejiles) e os convexos (v.g. Castelos, Tapada das Argolas). Pormenor da maior importância, porque comprovativo de um uso efectivo e decerto associado ao corte de sólidos flexíveis, é a dissemetria de alguns gumes (v.g. Monte do Trigo 1, Tapada das Argolas, El Castillejo 1). Esses gumes dissimétricos sugerem ainda um movimento de corte sempre no mesmo sentido, compatível com aquela presumível função. Num caso (Monte do Frade), é admissível que a peça se circunscreva ao cabo, ou apresente o gume extremamente gasto.

No que respeita os cabos, são igualmente notórias as diferenças, com destaque para os rectilíneos (v.g. Bocas), por um lado, e os circulares (v.g. Castelos, rio Genil), por outro. Esta característica é ainda partilhada pelo *tranchet* pertencente do depósito sardo atrás referido. Sem ser possível ir muito além desta constatação evidente, note-se, porém, que aqueles casos, concretamente os de território peninsular, são provenientes da região mais meridional.

Um outro possível critério de distinção diz respeito à forma e ao número de alvéolos que encontramos nos cabos. Nuns casos são sub-rectangulares ou subquadrangulares, noutros são ovóides, subcirculares ou subelípticos, quase sempre em função da forma geral do cabo. Os alvéolos são normalmente sequenciais, em número de quatro (v.g. Monte do Frade, Baiões 1), três (v.g. Baiões 2) ou dois (v.g. Quinta do Marcelo, La Muralla). O exemplar dos Castelos oferece não só uma outra disposição, com dois lado a lado e um central, como alvéolos – na realidade fendas – bastante estreitos quando comparadas com os dos outros *tranchets*.

A questão da forma e número de recortes dos cabos é critério que poderá ter especial valor na perspectiva do investigador, mas até que ponto o teria para as pessoas que os fizeram e usaram? Para serem eficazes, estes instrumentos teriam de ser utilizados encabados, com madeira, osso, chifre, cordas enroladas, etc., que encobriam aqueles. Trata-se, enfim, do problema *emic* versus *etic*, que nos levaria até aos longínquos anos cinquenta do século passado e à discussão iniciada por Ford e Spaulding.

Como se vê, existem diferenças várias entre os *tranchets* do Ocidente Peninsular que, porém, não anulam a inequívoca unidade pautada pelo peculiar recorte dos cabos. Se estas variantes traduzem alguma evolução cronológica ou regionalismos, é algo que terá de ficar em aberto, o que não nos parece demasiado grave. Por outro lado, esta diversidade, quer nos cabos, quer nos gumes, quer ainda na forma geral das peças, poderá ser reflexo de distintas funcionalidades difíceis de estabelecer com total segurança.

⁹ Como referimos, o estudo desta peça foi condicionado pelo facto de não se encontrar limpa.

4. METALURGIA DOS *TRANCHETS*

Nem todos os *tranchets* foram sujeitos a análises metalográficas, mas podemos já adiantar alguma coisa em função dos dados referentes a dez peças (Quadro 1)¹⁰. É certo que nem todas as análises foram realizadas com idêntica metodologia, o que seria desejável numa comparação mais rigorosa, nomeadamente no que respeita a quantificação percentual dos diversos elementos constituintes. Mas também é verdade que tal não põe em causa determinadas características tendenciais, como veremos.

A questão dos métodos utilizados, quaisquer que eles sejam, é sempre um problema que se coloca, conforme têm sublinhado diversos investigadores e que também já tivemos oportunidade de comentar, pois todos têm limitações e vantagens (Vilaça, 1997).

Recentemente, materiais metálicos de Baiões, incluindo os dois *tranchets*, foram analisados pelo método de fluorescência de raios X dispersiva de energias¹¹, confirmando-se corresponderem a ligas binárias de cobre e estanho, aliás como os restantes materiais desta estação (Valério *et. al.*, 2006: 299). Os valores de estanho são manifestamente exagerados (41,5% e 47,6%) e naturalmente irrealistas em termos de liga metálica propriamente dita, o que se explica, como notam os autores, pela significativa camada de corrosão superficial.

A lâmina do *tranchet* da Tapada das Argolas foi analisada no Museu Arqueológico Nacional de Madrid¹² pelo método de fluorescência de raios X de energias dispersivas, tendo revelado uma composição binária (Vilaça *et. al.*, 2002-2003: 188). Os valores de estanho (19,1%) são ligeiramente superiores aos ideais para uma boa liga de cobre e estanho (12-15%), mas ainda assim dentro de limites aceitáveis.

O *tranchet* de Monte do Frade foi inicialmente analisado¹³ pelo método de espectroscopia de raios X de energias dispersivas, que mediu elevada percentagem de estanho (33,8±1,3%) (Seruya, 1995; Vilaça, 1995: 352-359). Mais tarde foi submetido a análise de microscopia electrónica de varrimento¹⁴, confirmando-se, naturalmente, a liga binária, mas acusando agora valores normais de estanho (10,08%). É óbvio que a discrepância dos valores deste elemento resulta da disparidade dos métodos (Vilaça, 1997: 128 e Merideth, 1997).

As análises dos dois *tranchets* do Monte do Trigo, efectuadas por microscopia electrónica de varrimento e que agora se divulgam¹⁵, revelaram bronzes binários em que as percentagens de estanho rondam os 8-9%.

O *tranchet* do Castelo Velho do Caratão foi analisado no Laboratório de Rennes juntamente com outros artefactos do Bronze Final do território português. E, mais uma vez, os resultados revelaram uma excelente liga de cobre e estanho, numa relação de 85,9% para 14% (Coffyn, 1998: 175).

A análise de fluorescência de raios X aplicada à parte mesial do *tranchet* do Abrigo Grande das Bocas revelou uma liga binária de cobre e estanho, em que este atinge valores elevados (30,07%) (Seruya e Carreira, 1994: 140).

Quanto aos *tranchets* de território espanhol, dispomos de análises para as peças de La Muralla de Aguijón de Pantoja, El Castillejo 1 e El Risco 1 e 2, então designadas como “rasuradores calados” (Gómez Ramos *et. al.*, 1998: 107). Neste caso, um deles destaca-se do quadro aqui apresentado por apresentar diminuta quantidade de estanho (5%).

¹⁰ O *tranchet* da Quinta do Marcelo também foi analisado, mas os resultados ainda não se encontram disponíveis.

¹¹ Análises realizadas por Pedro Valério no âmbito dos projectos “Caracterização das produções metalúrgicas do Grupo Baiões/Santa Luzia (Bronze Final)”/“Metalurgia e Sociedade no Bronze Final do Centro de Portugal” (POCI/HAR/58678/2004).

¹² Análises realizadas por Ignacio Montero no âmbito do Projecto BHA2001-0248 “Caracterización Tecnológica de la Metalurgia del Bronce Final en la Península Ibérica”.

¹³ Análises efectuadas por Ana Isabel Seruya no Centro de Física Nuclear da Universidade de Lisboa.

¹⁴ Análises efectuadas sob responsabilidade de Craig Merideth no Institute of Archaeology (University College, London).

¹⁵ Ver nota anterior.

N.º	Estação	Cu	Sn	Fe	Ni	Zn	As	Ag	Sb	Pb
1	Sr.ª da Guia	57.1	41.5	0.19	-	-	0.76	-	0.07	<0.10
2	Sr.ª da Guia	51	47.6	0.19	-	-	0.44	-	0.21	0.1
3	Tapada das Argolas	80	19.1	0.04	0.05	-	0.32	0.15	0.33	0.08
4	Monte do Frade	66±1.3	33.8±1.3	-	-	-	-	0.058±0.02	0.07±0.01	-
		87.85	10.08	-	-	-	-	-	-	-
5	Abrigo Grande das Bocas	69.93	30.07	-	-	-	-	-	Vest.	-
6	Monte do Trigo	81.84	8.84	-	-	-	-	-	-	-
7	Monte do Trigo	86.51	7.99							
		86.27	8							
		87.93	7.9							
8	Castelo Velho do Caratão	85.9	14	-	0.02	-	Vest.	0.04	0.01	0.03
9	El Risco	84.9	13.8	0.16	0.08	-	0.19	0.09	0.61	0.18
10	El Risco	94.6	5	0.22	-	-	0.16	Vest.	-	Vest.
11	La Muralha del Aguijón de Pantoja	88.8	10.8	0.12	0.11	-	-	0.02	0.03	0.11
12	El Castillejo de Robled	83.9	13.5	0.39	0.09	-	1.5	0.13	0.25	0.21

Reunindo toda a informação no quadro, verifica-se que os resultados obtidos para os *tranchets* não só revelam uma assinalável coerência entre si no que respeita a composição binária, como se enquadram, por isso mesmo, nas características das composições metalúrgicas do Bronze Final do Ocidente Peninsular, designadamente do Centro do território português.

Por outro lado, e conforme já sublinhámos, os elevados valores de estanho que alguns acusam, e onde se destacam as duas peças de Baiões (com valores de estanho de 41,5% e 47,6%, respectivamente), devem ser entendidos à luz da metodologia empregue e em função do grau de corrosão das peças, nada devendo, na nossa perspectiva, nem à ignorância tecnológica dos artífices, nem à particular abundância de estanho no território português (Vilaça, 1995: 356-357; 1997: 142-143). Distanciamos-nos, assim, da interpretação que valoriza as elevadas percentagens de estanho em determinados artefactos das Beiras e Estremadura na sequência da abundância dos recursos de estanho.

5. CONTEXTOS DOS *TRANCHETS*

Como ficou demonstrado, este tipo de *tranchets* tem uma área de distribuição peninsular perfeitamente definida, nela assumindo papel cimeiro o Centro do território português (Fig. 1). Seria expectável, pela similitude do tipo de cabos, que se verificasse a existência de um maior número de exemplares nas zonas onde se encontram espadas de “tipo Huelva”. É bem possível que se encontrem algumas peças inéditas nos fundos dos museus, o que poderá vir a alterar pontualmente a moldura de distribuição apresentada neste trabalho.

Vimos também que são conhecidos, ainda que em vários casos de forma muito superficial ou imprecisa, os contextos de proveniência dos artefactos catalogados. Noutros, pelo contrário, não só são conhecidos com bastante pormenor, como existem datas de Carbono 14 com eles relacionáveis. Assim, e de um ponto de vista cronológico-cultural, estas peças não oferecem problemas de monta: testemunham e dão corpo à pujante metalurgia do bronze dos finais da Idade do Bronze do Ocidente Peninsular, centradas nos sécs. XI-IX a. C.

Nos casos dos *tranchets* do Monte do Frade e do Monte do Trigo, existem datas de Carbono 14 para os níveis onde foram encontrados. Quanto às datas recentemente obtidas para a Sr.^a da Guia, não é possível estabelecer com absoluto rigor uma relação directa por insuficiência de registos de campo, mas tudo indica que tal será admissível. Para a estação da Quinta do Marcelo, as informações são mais imprecisas, uma vez que não se disponibiliza informação relativa ao contexto de achado do *tranchet* e das amostras datadas (Barros, 1999: 36).

Assim, e quanto a estas últimas, pouco mais se pode adiantar para além dos resultados obtidos, quer os que constam naquele trabalho, referentes a três datas, quer outros, entretanto divulgados. As datas relacionam-se com duas estruturas escavadas, mas ignora-se de qual delas é proveniente o *tranchet*. Existem três datas para a “Bolsa 1” (ICEN-943: 2780±120 BP; ICEN-945: 2910±50 BP; ICEN-947: 3000±70 BP) e quatro para a “Bolsa 2” (ICEN-924: 2700±70 BP; ICEN-920: 2830±50 BP; ICEN-923: 2560±100 BP; ICEN-922: 2790±60 BP) (Melo e Senna-Martinez, 2000: 98). A calibração destas datas, para um intervalo de confiança de 2 sigma são, respectivamente e segundo os mesmos autores, as seguintes: 1272-770 cal. AC; 1260-925 cal. AC; 1411-1004 cal. AC; 994-783 cal. AC; 1121-841 cal. AC; 902-399 cal. AC; 1112-812 cal. AC.

O *tranchet* do Monte do Frade encontrava-se na periferia da lareira 3 (sector I, camada 3), num nível para o qual existem quatro datas de Carbono 14 obtidas a partir de carvão vegetal (GrN-19660: 2805±15 BP; ICEN-971: 2850±45 BP; ICEN-969: 2920±50 BP; ICEN-970: 2780±100 BP). A sua calibração, para um intervalo de confiança de 2 sigma, indica, respectivamente, os seguintes parâmetros: 1003-913 cal. AC, 1192-1132 cal. AC, 1292-946 cal. AC e 1257-790 cal. AC. É possível estimar uma ocupação centrada entre o séc. XI e a 1.^a metade do séc. X AC. Os resultados das duas primeiras são estatisticamente semelhantes, sendo que a sua calibração permite apontar o séc. X AC para o núcleo de troncos carbonizados (c. 3-nível 4b) que selava, parcialmente, a camada 3, constituindo, assim, um *terminus ante quem* do nível onde se encontrava o *tranchet* (Vilaça, 1995: 141, 162, 374).

Para o Monte do Trigo estão disponíveis sete datas de Carbono 14 resultantes de amostras de carvão de distintos níveis inseridos na camada 2. Essas datas (Sac-1458: 3020±60 BP; Sac-1456: 2990±50 BP; Sac-1457: 2960±45 BP; Sac-1507: 2960±45 BP; CSIC-1289: 2913±41 BP; Sac-1506: 2880±45 BP e CSIC-1288: 2880±33 BP) reportam-se à mesma realidade cultural. Após calibração, e para um intervalo de confiança de 2 sigma, obtêm-se, respectivamente, os seguintes valores: 1419-1057 cal. AC, 1387-1056 cal. AC, 1368-1022 cal. AC, 1368-1022 cal. AC, 1262-997 cal. AC, 1211-925 cal. AC e 1193-937 cal. AC. (Vilaça, 2006 b: 94; 2008).

As três datas recentemente determinadas para a Sr.^a da Guia são de elevada fidedignidade por possuírem desvios-padrão relativamente pequenos e por terem sido obtidas a partir de sementes (fava e ervilha), portanto elementos de vida curta, o que lhes confere um valor muitíssimo próximo da realidade. As sementes resultaram das escavações realizadas em 1973 por Celso Tavares da Silva, não sendo possível especificar o seu contexto preciso de origem, nomeadamente se oriundas do sector A ou do sector B; sabe-se apenas que foram recolhidas na crivagem das terras (Silva 1979: 524). Indirectamente, poderemos associá-las aos materiais dessa campanha, os quais correspondem, ao nível dos metais, com os dois *tranchets*, um conto e duas pontas de lança, um espeto, etc., e ainda cerâmicas de “tipo Baiões” e outras estampilhadas (Silva 1979: 528).

Os resultados (GrA-29095: 2745±40 BP; GrA-29097: 2680±40 BP; GrA-29098: 2650±35 BP), e a média ponderada passível de ser utilizada (2688±22 BP), uma vez calibrados, para um intervalo de confiança de 2 sigma, fornecem os seguintes valores: 993-979 cal. AC, 906-796 cal. AC, 895-787 cal. AC e 895-806 cal. AC. Portanto, são resultados que apontam para uma cronologia centrada nos sécs. X-IX AC (Vilaça, 2007; 2008).

As datas do Monte do Trigo correspondem a uma das mais antigas ocupações do Bronze Final da Beira Interior datadas pelo C14, recaindo maioritariamente nos sécs. XII-XI AC. Pelo con-

trário, as de Baiões, a uma das mais recentes. Comparando-as, a simultaneidade de ocupação dos dois sítios, a ter-se verificado, teria ocorrido durante um lapso de tempo relativamente curto, por volta de 1000-975 cal AC.

Os próprios resultados das análises metalográficas de artefactos destes e dos demais povoados, sempre binárias, como vimos, corroboram, ainda que seja critério de alguma fragilidade, uma datação anterior ao séc. VIII.

No que respeita o tipo de contextos, todos eles, com uma única excepção – *tranchet* de rio Genil – são provenientes de povoados ou espaços habitados. Não conhecemos, portanto, achados em contextos sepulcrais ou em depósitos de bronze, independentemente do(s) sentido(s) e funcionalidade(s) que lhes queiramos atribuir. Quanto àqueles, e não obstante assinaláveis diferenças entre si, que não cabe comentar neste momento, quase todos correspondem a sítios de altura, muralhados ou não, com estratégica implantação no espaço. A Quinta do Marcelo foge a este modelo, uma vez que constitui um acampamento sazonal junto à praia.

Em vários deles está comprovada a prática local da metalurgia do bronze, sendo presumível que nos restantes (ou em alguns deles) também tivesse sido praticada.

Se aceitarmos que a concentração de achados numa dada região constitui um indicador relativamente fiável da sua produção regional, é bem provável que pelo menos alguns destes *tranchets* tenham sido produzidos nos locais onde se encontraram. Contra esta ideia, que certamente alguns critic(ari)am, poderá argumentar-se que não existem quaisquer evidências de moldes de *tranchets* naqueles povoados. Mas a verdade é que não se conhecem aí nem em qualquer outra região peninsular, segundo cremos. E, todavia, terão de ter existido. Por ora, e sobre esta problemática, temos de nos circunscrever às peças propriamente ditas e assumimos que corresponderão, até prova em contrário, a produções características do Centro do território português/Extremadura ocidental (Vilaça, 2008).

Por outro lado, e sem ser contraditório do que acabámos de afirmar, alguns dos sítios de achado dos *tranchets* (Sr.^a da Guia, Monte do Frade, Monte do Trigo, Abrigo Grande das Bocas, Quinta do Marcelo, Arraiolos) forneceram elementos de timbre marcadamente mediterrâneo, como fíbulas, pinças, contas de vidro, facas em ferro, etc. Veremos ainda que esta ligação ao mundo meridional é testemunhada por outros indícios de particular pertinência no estudo dos *tranchets*.

6. FUNCIONALIDADE(S) DOS *TRANCHETS*

Em termos genéricos, não existem motivos consistentes para se considerar incorrecta a função que tem sido atribuída aos *tranchets*. Porém, os argumentos que a fundamentam não são absolutos. Sendo mais que provável o seu uso como instrumentos destinados ao corte de sólidos flexíveis, concretamente couros e peles, é igualmente necessário admitir outras soluções impostas pela variabilidade atrás exposta. Começemos pelos mais fácil.

Por definição, os *tranchets* são peças providas de gume. Em alguns casos observa-se a particularidade deste apresentar um desgaste assimétrico denunciador de uma utilização de corte sempre na mesma direcção, conforme foi já sublinhado (Kalb, 1976: 201). Nas peças que estudámos, esta característica manifesta-se de forma evidente nas da Tapada das Argolas, Monte do Trigo 1 e El Castillejo 1.

Ao nível das produções metálicas características do Bronze Final do Ocidente peninsular, é bem sabido que não só aumentaram em número relativamente ao período anterior, como diversificaram os tipos com funções perfeitamente distintas e específicas. Por outro lado, também é relativamente pacífico ter-se como certas, para a época e região, a intensificação da criação de gado e a valorização estratégica das peles no sistema de trocas vigente (Vilaça, 1998: 367-368; Vilaça *et. al.*, 2002-2003: 190). Em trabalho de síntese ficou plenamente demonstrado pelas evidências

estudadas, que a criação de gado – *Bos taurus*, *capra hircus*, *Sus domesticus* e *Ovis aries* –, mas também a caça – *Cervus elaphus* – constituíram importantes actividades entre as populações do Bronze Final do território português (Cardoso, 1996). Outros dados entretanto divulgados apontam no mesmo sentido.

Assim, a existência de artefactos com a função específica do trabalho de peles é perfeitamente normal e, o que espanta, é o facto de serem em tão reduzido número. Mesmo contando com os achados mais recentes, e outros que certamente ocorrerão um dia, a sua produção foi diminuta no contexto das produções metálicas do Bronze Final. Poderemos sempre admitir que esta mesma função pudesse ter sido executada com outro tipo de instrumento (metálico ou lítico) cuja especificidade funcional não se afigura de modo tão explícito nos espólios conhecidos.

Não é despiciente pensar ainda que a sua raridade é articulável com uma função executada só por alguns. A verdade é que muito pouco se sabe, em concreto, sobre o trabalho do couro, e a organização das actividades produtivas, em geral. Peles, couros e cabedais seriam utilizados na confecção de vestuário, calçado, cinturões, sacos, bainhas de punhais e de espadas, aljavas, etc.

Mas a raridade deste tipo de peças permite outras leituras. De facto, dela se poderá depreender uma função mais “nobre” e de excepção compatível com acções ou usos bem menos prosaicos e de elevado significado social. Por exemplo, poderão algumas ter servido de espátula para limpeza do corpo? Se assim for, será também necessário sublinhar, pelos contextos de achado, que tais actividades decorreriam (excepção para a peça do rio Genil) nos habitats.

Se assumimos antes que as peças em estudo correspondem a *tranchets*, não ignoramos, porém, que outras interpretações têm sido propostas, concretamente as de navalhas de barbear (v.g. Gómez Ramos *et. al.*, 1998: 107; Warmenbol, 2007: 389). Os *tranchets* de Baiões chegaram mesmo, há bem pouco tempo, a ser considerados possíveis espelhos (Harrison, 2004: 151). Se alguns casos podem suscitar legítimas dúvidas, não serão decerto estes últimos, que não acreditamos corresponderem a espelhos. E é de evitar que as mesmas peças sejam navalhas numa publicação e *tranchets* numa outra distinta, sem se justificar o motivo da alteração (Barros, 1998: 32; 1999: II-44).

Creemos que esta alternativa interpretativa decorre da diminuta espessura de alguns dos gumes de *tranchets*, o que os aproxima das delicadas lâminas das navalhas de barbear. Aliás, pelo mesmo motivo, também não são inéditas algumas confusões entre navalhas de barbear e pontas de “tipo Palmela”. Mas as navalhas, que pudemos recentemente estudar (Vilaça, 2009), nem possuem gumes assimétricos, nem a espessura comparativamente grosseira das lâminas dos *tranchets*. Pelo contrário, caracterizam-se por lâminas muitíssimo delgadas indicando, simultaneamente, uma técnica de fabrico distinta. Decerto que o manuseamento directo de todas as peças ajudaria a eliminar algumas dúvidas. O recurso à observação microscópica, muito em particular dos gumes, com vista a identificar vestígios de uso, e a realização de testes de micro-dureza seriam igualmente fundamentais.

É já sabido que os cabos destes *tranchets* são muito semelhantes aos de punhais e de espelhos sardos, nomeadamente de Torpe, Abini, Santa Vittoria (Kalb, 1976: 204; Coffyn, 1985: 222; Lo Schiavo, 1991: 216-217; Vilaça, 1995: 339). Mas estes possuem um pormenor importante, inexistente nas peças peninsulares em análise: um pequeno orifício de fixação, revelando inequívoca função como cabos de objectos.

Ora, a questão dos cabos merece mais algumas palavras.

É suposto que as pegas decoradas com o peculiar estilo entrançado de timbre sardo-cipriota não seriam encabadas com madeira, osso, chifre, etc. As outras, lisas, peninsulares, e concretamente as que estão em bruto, isto é, que não sofreram qualquer tipo de polimento depois de saídas do molde, sê-lo-iam. Mas o problema da apreensão destas peças vai para além da questão da presença/ausência de decoração e/ou de polimento final dos cabos. A função é aqui determinante, pois a forma de pegar num espelho ou numa navalha de barbear é muito distinta da que

se emprega num artefacto para cortar peles. Neste, a sua eficácia dependia não só da força exercida, mas igualmente de uma prensão bem ajustada à mão, o que só um cabo mais volumoso permitiria. Naqueles nada disto era exigível, podendo-se pegar, simplesmente, ou exercer apenas alguma pressão.

Entre as peças que estudámos, a de Monte do Frade é bastante interessante, pois parece estar completa mas reduzida ao cabo. Assim, não enjeitamos a possibilidade de se tratar do cabo de um qualquer outro objecto e não de um *tranchet*. Um *tranchet* tem de possuir uma lâmina. Todavia, aquele não possui explicitamente, nem parece ter possuído, por outro lado, orifício de fixação, o que pode invalidar esta segunda hipótese. Se orientarmos a peça de forma inversa, o problema estaria resolvido, pois uma das extremidades não tem propriamente um alvéolo, antes dois pequenos orifícios sub-circulares que poderiam ter tido aquela função. Mas estes orifícios não são intencionais, antes resultado do processo de fundição.

Infelizmente, nenhum dos outros *tranchets* se aproxima, neste particular, da peça de Monte do Frade, o que talvez esclarecesse o problema. Se alguma analogia podemos encontrar é ao nível de uma gravura, com todas as limitações de interpretação subjacentes a esse tipo de testemunho (Vilaça, 1995: 339).

Trata-se, porém, de uma figura bastante realista gravada na estela de Capilla III (Badajoz) que deve ser interpretada como navalha de barbear, em função da característica lâmina bífida (Fig. 4). Antes, a figura em causa tinha sido considerada um espelho, expressando bem a ambiguidade de que tratámos acima (Enríquez Navascués e Celestino Pérez, 1984: 240). Posteriormente, este último investigador interpretou-a, quanto a nós, de forma correcta e sublinhou que se trata do único caso de uma navalha figurada nas estelas, descrevendo-a correctamente: “Tiene un mango de forma acampanada invertida compartimentada en três secciones ligeramente circulares. Del mango parte una varilla que divide dos hojas arriñonadas ligeramente separadas entre sí en la parte superior” (Celestino Pérez, 2001: 375).

Portanto, estamos perante uma figura que conjuga um motivo com a forma das lâminas de barbear de folha bífida e espigão, cujo paralelo mais próximo nos leva à navalha do Abrigo Grande das Bocas (Fig. 4-B) (Carreira, 1994: Est. XXXIII) (Vilaça, 2009), e um outro que serve de cabo, vazado, em tudo similar ao *tranchet* de Monte do Frade (Fig. 4-A).

Deste modo, faria até algum sentido perguntar se a navalha de barba (talvez também para remoção de pêlos e cabelo em geral)¹⁷ e os fragmentos de *tranchet* daquela primeira estação em vez de serem peças funcionalmente distintas, não seriam antes e tão só dois módulos – lâmina e cabo – de um único objecto.

Tranchets, cabos de espelhos e lâminas de barbear são, por conseguinte, elementos com alguns problemas que se cruzam. Na verdade, há *tranchets* com espigão e *tranchets* com alvéolos. Aqueles são atlânticos, estes possuem afinidades estilísticas com outras peças mediterrâneas e poderíamos designá-los de “lusitanos” em função da sua distribuição geográfica. Há navalhas com espigão, tipicamente atlântico-ocidentais, mas também conhecidas no mediterrâneo Central (v.g. Sicília), e há-as com pegas perfuradas e em argola, neste caso características dos Campos de Urnas Antigos, peninsulares e ultra-pirenaicos, mas também presentes no sul do território português e em Itália (Vilaça, 2009). E há ainda, como vimos, navalhas de espigão associadas a cabos com alvéolos (Fig. 4-C).

¹⁶ Veja-se discussão do assunto em Vilaça (2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece ter ficado demonstrado que os *tranchets* do chamado Bronze Atlântico português são diferentes dos *tranchets* do Bronze Atlântico europeu, constituindo uma variante identificada em 1976 por Philine Kalb. A característica principal dessa variante encontra-se no tipo de encabamento, vazado.

Hoje, conhecem-se cerca de duas dezenas de *tranchets* com essa e outras características afins. É possível que alguns outros se encontrem ainda inéditos nas coleções de museus ou com particulares. E é mais do que provável o aparecimento de novos exemplares à medida que se desenvolvam projectos de escavação em povoados do Bronze Final das Beiras, Estremadura, Alentejo e Estremadura espanhola. Mas estas hipóteses, a confirmarem-se, não deverão alterar substancialmente a raridade que preconizamos para este tipo de artefacto no quadro das produções metalúrgicas do Bronze Final.

Parece também ter ficado clara a estreita relação geográfica deste tipo peculiar com o Centro-Sul Ocidental da Península Ibérica. Naquela altura, esta região e, muito particularmente, o Centro do território português e a zona de Cáceres/Badajoz, corresponderam a uma das áreas mais dinâmicas de produções, exportações e importações, inter-ligando o Atlântico e o Mediterrâneo, o que lhe mereceu o epíteto de “Grupo Lusitaniano” (Coffyn, 1985: 267). Toda a informação disponível concorre no sentido de esta categoria de *tranchets* ser igualmente uma produção genuína daquela região, justificando que possam ser designados por “*tranchets* lusitanos”.

Do ponto de vista da metalurgia, os resultados disponíveis revelam grande coerência, com a presença absoluta de ligas binárias.

A valorização deste tipo conta agora com um razoável conhecimento dos respectivos contextos de uso e de deposição. Praticamente todos foram encontrados em povoados de altura com provas de produção local do bronze. A sua adscrição às últimas etapas do Bronze Final, concretamente sécs. XI-IX a. C. parece ser segura. Mais incerto é (são) o(s) seu(s) uso(s) específico(s), o que exige atenção e reflexão continuadas.

AGRADECIMENTOS

A José Luís Madeira pela colaboração no arranjo gráfico das figuras e na elaboração do mapa.
A Barbara Armbruster pela fotografia 5.3.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, S. (2009) – A ocupação do Bronze Final de Arraiolos no seu contexto regional, *Jornadas de Arqueologia Proto-histórica da FLUC*, Coimbra (22 de Maio de 2009).
- ARMADA PITA, X.-L. e LÓPEZ PALOMO, L. A. (2003) – Los ganchos de carne con vástagos torsionados: un nuevo ejemplar en el depósito acuático del río Genil (Sevilla), *Revista d'Arqueologia de Ponent*, n.º 13, 167-190.
- ARMADA PITA, X.-L.; RAFEL FONTANALS, N.; MONTERO RUIZ, I. (2008) – Contactos precoloniales, actividad metalúrgica y biografías de objetos de bronce en la Península Ibérica, in Celestino Pérez, S.; Rafel, N.; Armada, X.-L. (eds.), *Contacto cultural entre el Mediterráneo y el Atlántico (siglos XII-VIII a.n.e): La precolonización a debate*, Madrid, CSIC, p. 465-507.
- BARROS, L. (1998) – *Introdução à Pré e Proto-História de Almada*, Câmara Municipal de Almada.
- BARROS, L. (1999) – *O Final da Idade do Bronze e a Idade do Ferro no território de Almada*, 2 vols., Lisboa, FLUL (tese de mestrado, policopiada).

- CARDOSO, J. L. (1996) – Bases de subsistência em povoados do Bronze Final e da Idade do Ferro do território português. O testemunho dos mamíferos, in *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a. C.*, Lisboa, MNA, 160-170.
- CARDOSO, J. L. (1999-2000) – Aspectos do povoamento da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, vol. 8, 355-413.
- CARREIRA, J. R. (1994) – A Pré-História Recente do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior), *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, n.º 2, Lisboa, 47-144.
- CELESTINO PÉREZ, S. (2001) – *Estelas de guerrero y estelas diademadas*, Barcelona, bellaterra arqueología.
- COFFYN, A. (1985) – *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*, Diffusion de Boccard, Publ. Centre Pierre Paris 11, Col. Maison Pays Ibériques 20, Paris.
- COFFYN, A. (1998) – Une entité contestée: le Bronze atlantique, in Jorge, S. O. (ed.), *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?*, *Trabalhos de Arqueologia*, 10, IPA, Lisboa, 166-178.
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J. J. e CELESTINO PÉREZ, S. (1984) – Nuevas estelas decoradas en la cuenca del Guadiana, *Trabajos de Prehistoria*, vol. 41, 237-250.
- FERNÁNDEZ MANZANO, J. (1986) – *Bronze Final en la Meseta Norte Española: el utilaje metálico*, Monografías, Junta de Castilla y León.
- GÓMEZ RAMOS, P.; MONTERO RUIZ, I; ROVIRA LLORÉNS, S. (1998) – Metalurgia Protohistórica Extremeña en el Marco del Suroeste Peninsular, in Rodríguez Díaz, A. (coord.), *Extremadura Protohistórica: Paleoambiente, Economía y Poblamiento*, Universidad de Extremadura, Cáceres, 97-117.
- HARRISON, R. J. (2004) – *Symbols and Warriors*, Bristol, Western Academic & specialist Press Limited.
- KALB, P. (1976) – Ledermesser der Atlantischen Bronzezeit in Portugal, *Archäologisches Korrespondenzblatt*, VI, 201-205.
- LO SCHIAVO, F. (1991) – La Sardaigne et ses relations avec le Bronze Final Atlantique, in Chevillot, C. e Coffyn, A. (dir.), *L'Age du Bronze Atlantique*, Actes du 1er Colloque du Parc Archéologique de Beynac, A.MU.SA, Beynac-et-Cazenac, 213-226.
- LOPES, M. C. (2003) – *A Cidade Romana de Beja. Percursos e debates acerca da "civitas" de Pax Iulia*, Conímbriga/Anexos 3, Coimbra.
- LÒPEZ PALOMO, L. A. (1978) – Pequeño depósito de bronce en el río Genil, *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*, n.º 3, 233-244.
- MARTÍN BRAVO, A. M. (1999) – *Los Orígenes de Lusitania. El I milénio A.C. en la Alta Extremadura*, Madrid, Real Academia de la Historia.
- MELO, A. e SENNA-MARTINEZ, J. C. (2000) – Agricultores e Metalurgistas, da Troca ao “Mercado”. Alguns aspectos e problemas do Bronze Final e Primeira Idade do Ferro na “Península de Lisboa”, *Turres Veteras*, IV, Câmara Municipal de Torres Vedras, 95-118.
- MERIDETH, C. (1997) – Energy dispersive spectroscopy analysis from Late Bronze Age artefacts), *Estudos Pré-Históricos*, V, Viseu, CEPBA, 145-154.
- MONTEAGUDO, L. (1977) – *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel*, München, C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung (Prähistorische Bronzefunde IX; Band 6).
- NICOLARDOT, J.-P. e GAUCHER, G. (1975) – *Typologie des objets de l'âge du bronze en France*, fascicule V: outils, Paris, S.P.F., Commission du Bronze.
- PEREIRA, M. A. H. (1970) – *Monumentos Históricas do Concelho de Mação*, Coimbra.
- SERUYA, A. I. (1995) – Análise não destrutiva por XRF dos artefactos metálicos, in Vilaça, *Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*, 466-483.
- SERUYA, A. I. e CARREIRA, J. R. (1994) – Análise não destrutiva por Fluorescência de raios X do espólio metálico do Abrigo de Bocas, Rio Maior, *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 2, Lisboa, 135-144.
- SILVA, C. T. (1979) – O Castro de Baiões (S. Pedro do Sul), *Beira Alta*, Viseu, 38 (3), 511-531.

- TARAMELLI, A. (1921) – Il ripostiglio di bronzi nuragici di Monte Sa Idda, Decimoputzu (Cagliari), *Monumenti Antichi*, XXVII, 6-98.
- VALÉRIO, P.; ARAÚJO, M. F.; SENNA-MARTINEZ, J. C. e VAZ, J. L. I. (2006) – Caracterização química de produções metalúrgicas do castro da Senhora da Guia de Baiões (Bronze Final), *O Arqueólogo Português*, série IV, 24, Lisboa, 289-319.
- VILAÇA, R. (1995) – *Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*, Trabalhos de Arqueologia, 9, Lisboa, IPPAR, 2 vols.
- VILAÇA, R. (1997) – Metalurgia do Bronze Final da Beira Interior: revisão dos dados à luz de novos resultados, *Estudos Pré-Históricos*, V, Viseu, CEPBA, 123-154 (com apêndice de Merideth, C., Energy dispersive spectroscopy analysis from late bronze Age artefacts).
- VILAÇA, R. (1998) – Produção, consumo e circulação de bens na Beira Interior na transição do II para o I milénio a. C., *Estudos Pré-Históricos*, VI, Viseu, CEPBA, 347-374.
- VILAÇA, R. (2006 a) – Depósitos de bronze do território português – Um debate em aberto, *O Arqueólogo Português*, série IV, 24, Lisboa, 9-150.
- VILAÇA, R. (2006 b) – Artefactos de ferro em contextos do Bronze Final do território português: novos contributos e reavaliação dos dados”, *Complutum*, Madrid, n.º 17, 81-101.
- VILAÇA, R. (2007) – Todos os caminhos vão dar ao Ocidente: trocas e contactos no Bronze Final, Actas do Colóquio *A Arqueologia Portuguesa e o Espaço Europeu. Balanços e Perspectivas*, Lisboa, SPG [*Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 15], 135-154.
- VILAÇA, R. (2008) – Reflexões em torno da presença mediterrânea no Centro do território português, na charneira do Bronze para o Ferro, in Celestino Pérez, S.; Rafel, N.; Armada, X.-L. (eds.), *Contacto cultural entre el Mediterráneo y el Atlántico (siglos XII-VIII ANE): La Precolonización a debate*, Escuela Española de Historia y Arqueología de Roma del CSIC, 371-400.
- VILAÇA, R. (2009) – Sobre rituais do corpo em finais do II-inícios do I milénios a. C.: do espaço europeu ao território português, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17, Oeiras, 489-511.
- VILAÇA, R.; MONTERO RUIZ, I; RIBEIRO, C. A.; SILVA, R. C. e ALMEIDA, S. O. (2002-2003) – A Tapada das Argolas (Capinha, Fundão): novos contributos para a sua caracterização, *Estudos Pré-Históricos*, X-XI, Viseu, CEPBA, 175-197.
- VILAÇA, R.; JIMÉNEZ ÁVILA, J. e GALÁN, E. (no prelo) – El poblado de Los Concejiles (Lobón, Badajoz) en el marco del Bronce final de la cuenca media del Guadiana, *Sidereum Ana II – El rio Guadiana en el Bronce Final* (Mérida/Badajoz, 28-30 de Maio de 2008).
- WARMEMBOL, E. (2007) – Miroirs et mantique à l’âge du Bronze, in Burgess, C. et. al. (eds.), *Beyond Stonehenge. Essays on yhe Bronze Age in Honour of Colin Burgess*, Oxford, 377-396.

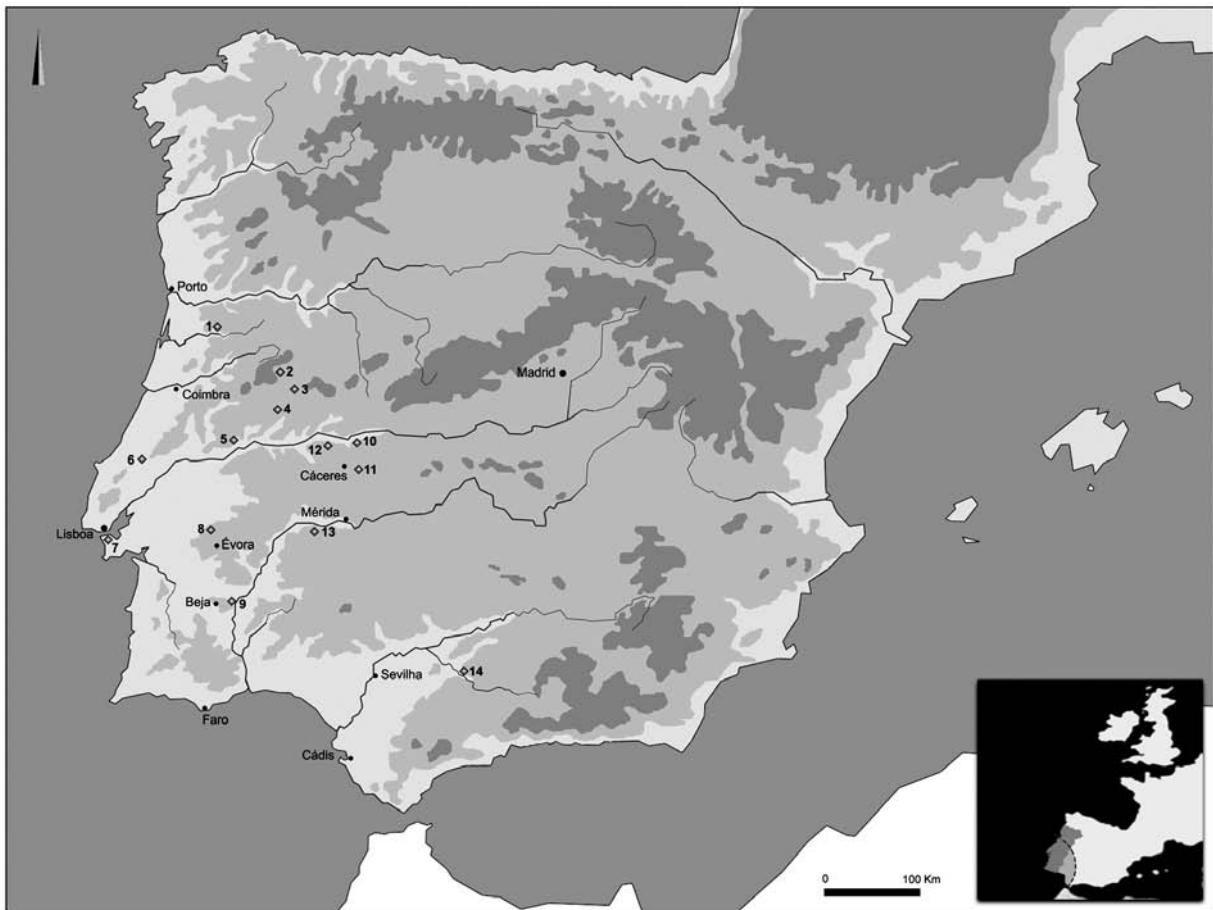


Fig. 1 - Distribuição dos *tranchets* no Ocidente peninsular

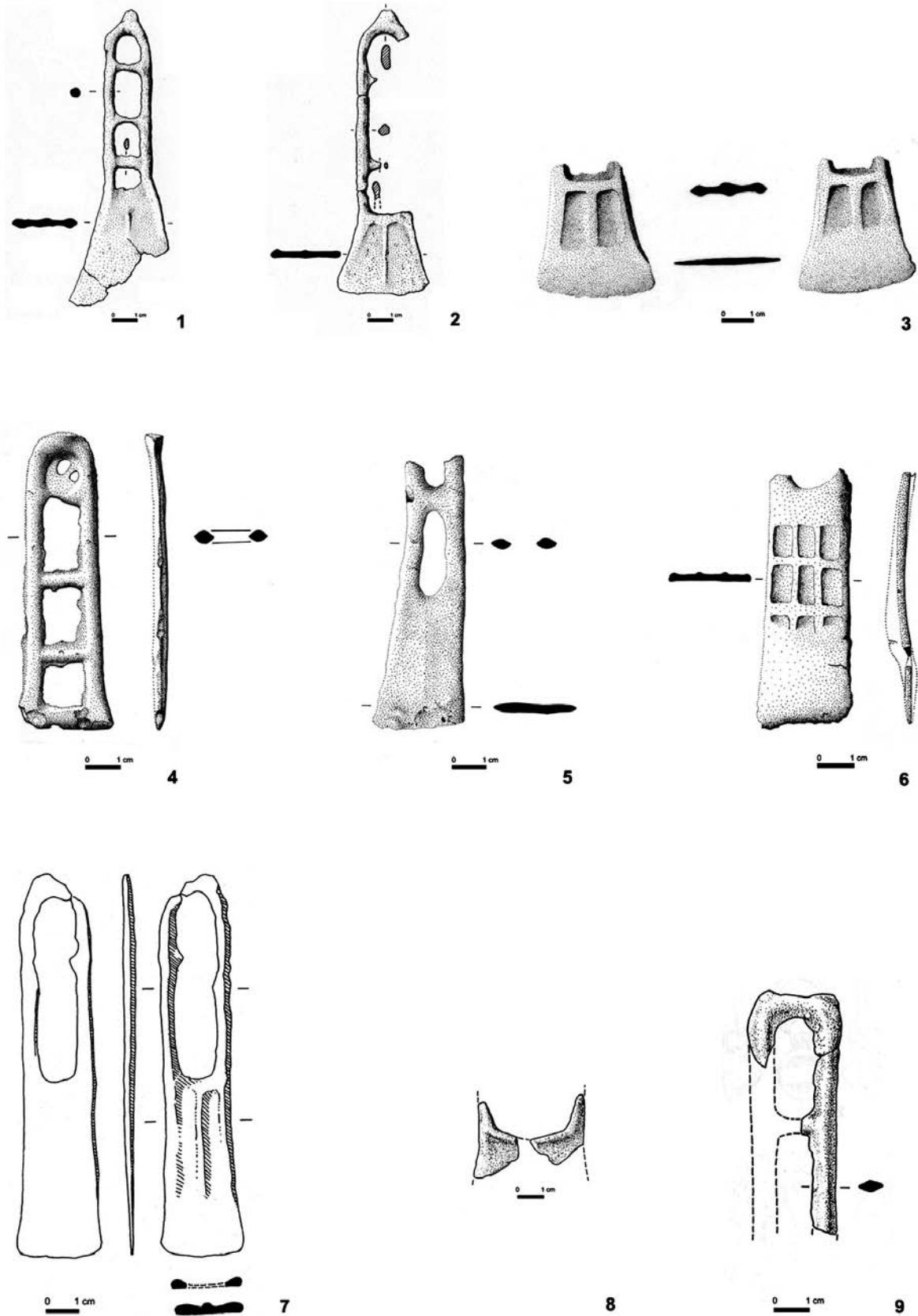


Fig. 2 - Baiões (1 e 2), Tapada das Argolas (3), Monte do Frade (4), Monte do Trigo (5 e 6), Castelo Velho de Caratão (7), Abrigo Grande das Bocas (8 e 9)

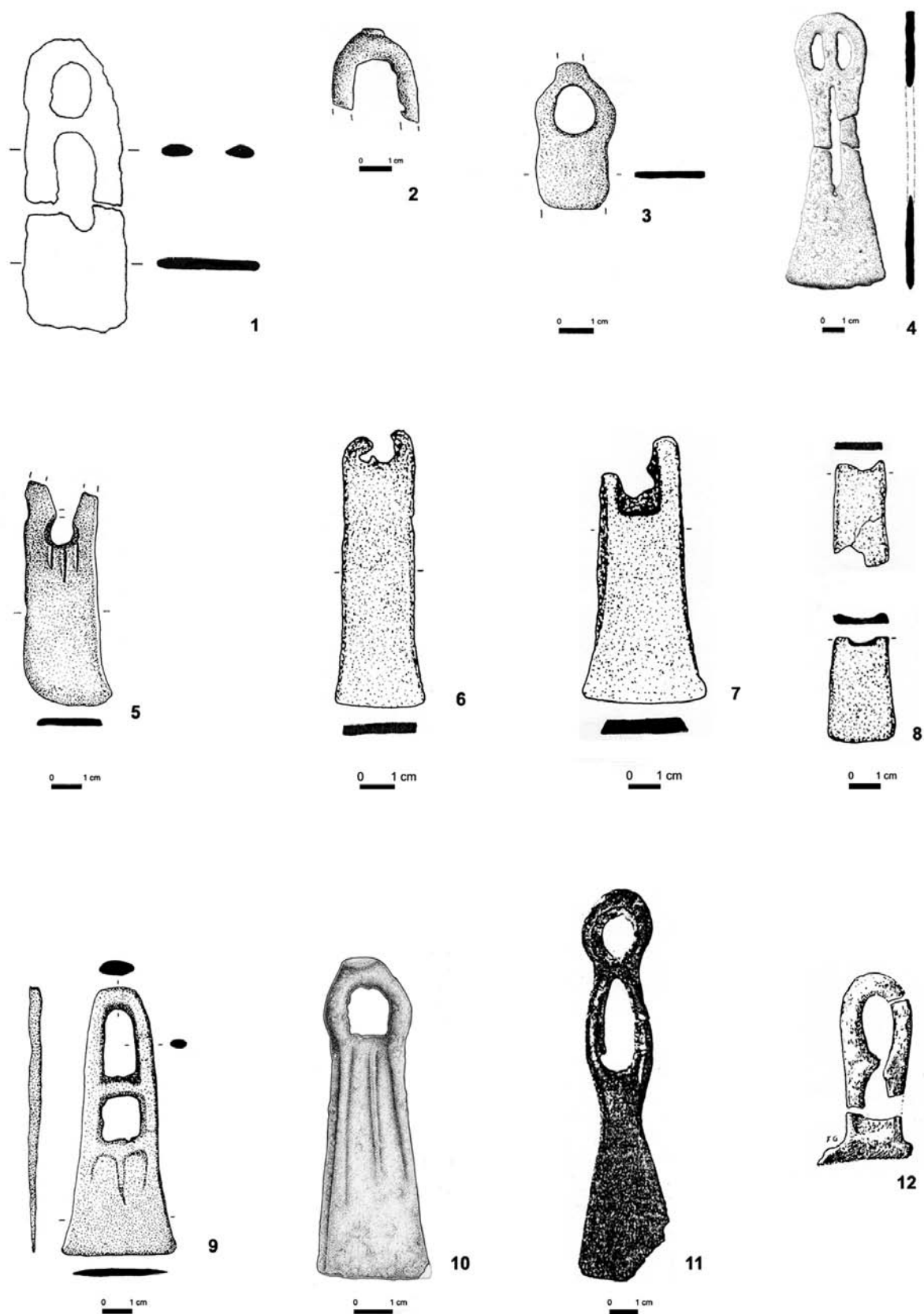


Fig. 3 - Quinta do Marcelo (1), Castelo de Arraiolos (2), Castelos (4), La Muralla del Agujón de Pantoja (9), El Risco (6, 7 e 8), El Castillejo (3 e 5), Los Concejiles (10) Rio Genil (11), Monte Sa Idda (12)

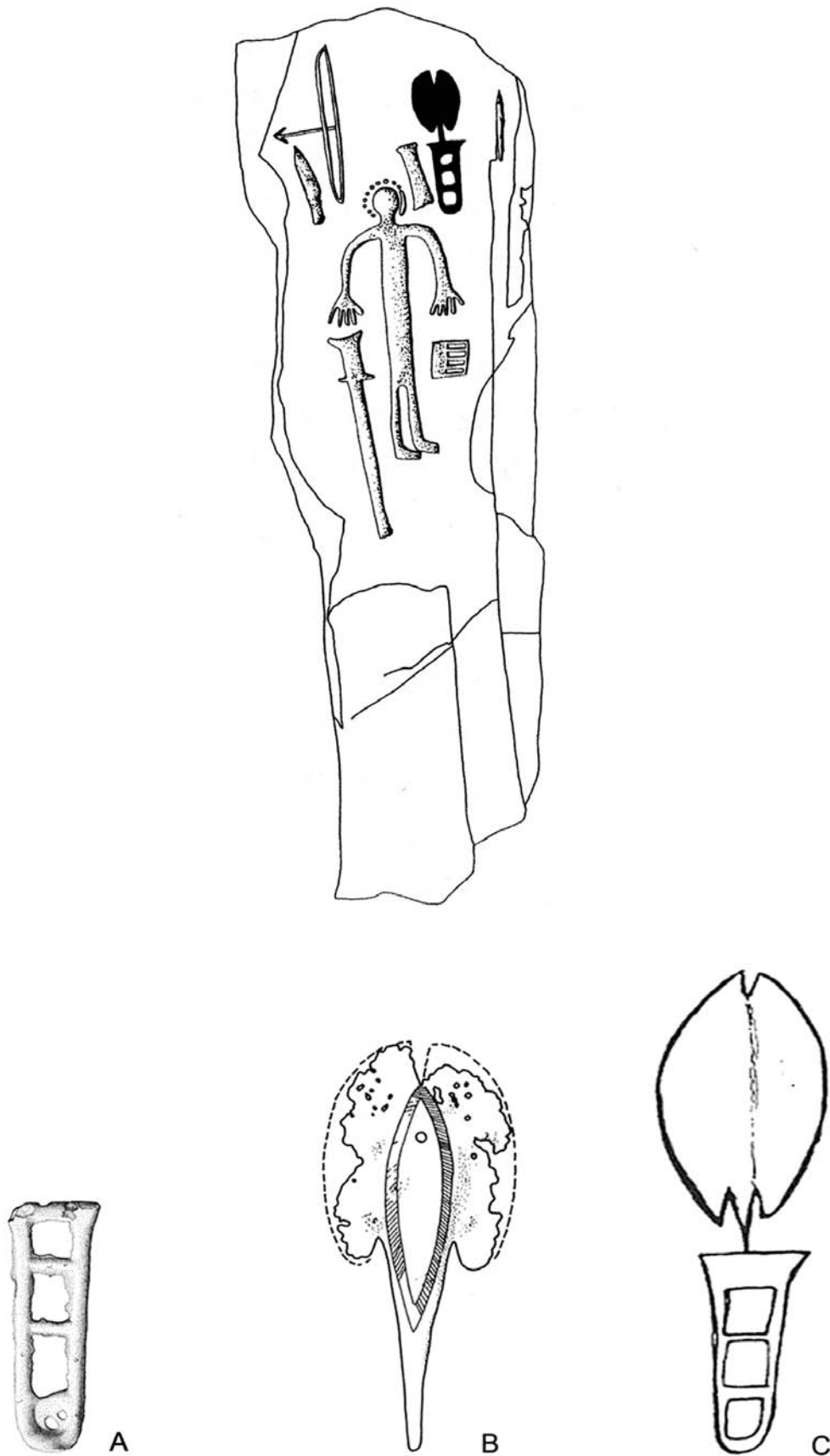


Fig. 4 - Estela de Capilla III e navalha de cabo vazado (C) (seg. Celestino Pérez, 2001); *tranchet*/cabo (?) de Monte do Frade (A); Abrigo Grande das Bocas (B) (seg. Carreira, 1994)

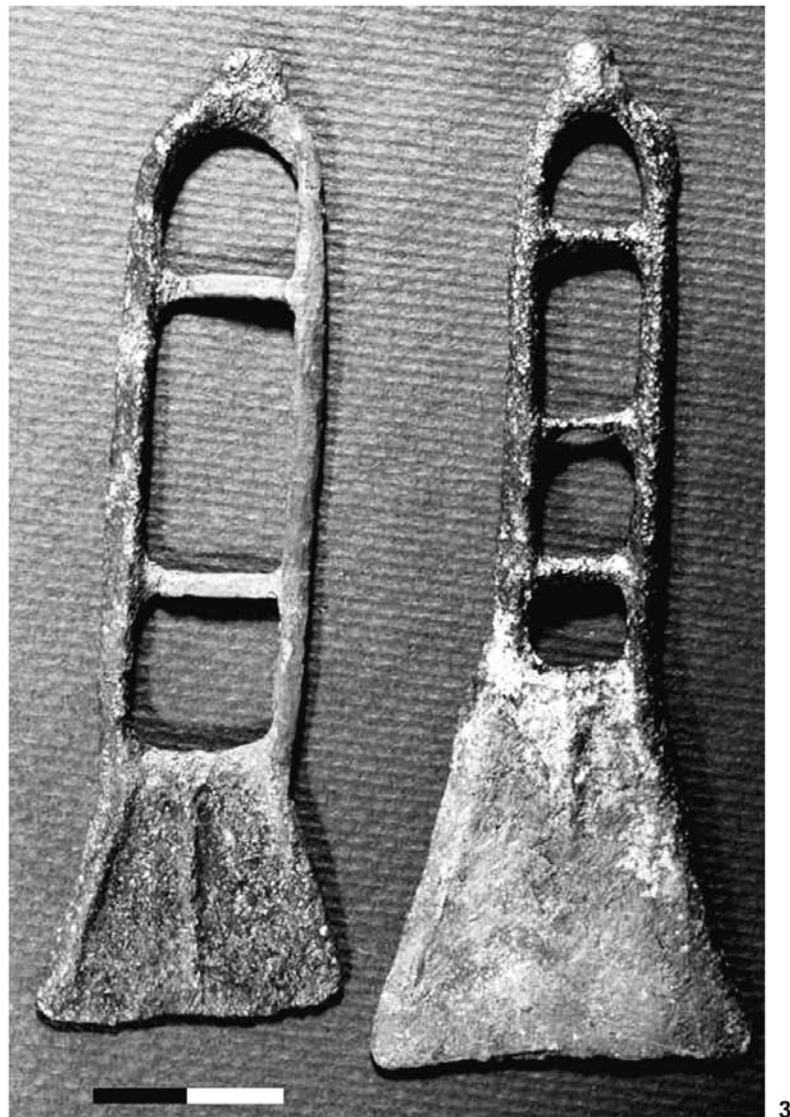


Fig. 5 - Tapada das Argolas (1 e 2) e Baiões (3)



Fig. 6